



Editorial

O IV Encontro Nacional de Educação Matemática Inclusiva – IV ENEMI, realizado de 29 a 31 de julho de 2026, na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), em Campo Grande/MS, foi um evento promovido pelo Grupo de Trabalho “Diferença, Inclusão e Educação Matemática” (GT13) da Sociedade Brasileira de Educação Matemática (SBEM). Em sua quarta edição, o encontro reafirmou o compromisso construído historicamente pelo GT13 com a constituição e o fortalecimento de espaços de diálogo, formação, investigação e socialização de experiências que problematizassem os processos de exclusão e ampliassem as possibilidades de participação de todas as pessoas nos diferentes contextos em que se ensina, aprende, produz e vivencia a Matemática.

No contexto desta edição, pensar a Educação Matemática Inclusiva implicou compreender a inclusão para além da presença física ou do simples acesso aos espaços educacionais. Envolveu problematizar as condições de participação, aprendizagem e pertencimento construídas nesses espaços e reconhecer que estudantes, professoras, professores e demais sujeitos da educação eram constituídos por diferentes histórias, experiências, culturas, modos de conhecer, comunicar, aprender e estar no mundo. Nessa perspectiva, não se tratou de buscar maneiras para que todas as pessoas se adaptassem a uma Educação Matemática previamente estabelecida, mas de interrogar e transformar práticas, currículos, avaliações, materiais, ambientes e relações que, historicamente, poderiam produzir ou perpetuar barreiras e processos de exclusão.

Essa compreensão convidou a pensar uma Educação Matemática mais humana e humanizada, comprometida com o reconhecimento das diferenças não como desvios em relação a um padrão previamente estabelecido, mas como constitutivas da experiência humana. Isso significou deslocar o olhar daquilo que



supostamente faltava ao sujeito para as relações e condições que favoreciam ou impediam sua participação. Significou, ainda, reconhecer que não havia uma única maneira de ensinar, aprender, comunicar ou produzir conhecimentos matemáticos e que a construção de espaços educacionais inclusivos exigia abertura para diferentes saberes, experiências, linguagens e formas de participação.

Ao assumir essa perspectiva, a Educação Matemática Inclusiva ampliou seu campo de interlocução. As discussões relacionadas às pessoas com deficiência, aos transtornos do desenvolvimento, às altas habilidades/superdotação e às dificuldades específicas de aprendizagem permaneceram fundamentais, ao mesmo tempo que dialogaram com questões relacionadas às relações étnico-raciais, aos povos indígenas e comunidades tradicionais, às questões de gênero e sexualidade, às desigualdades sociais, às diferenças culturais e territoriais e a outras condições que atravessavam as experiências educacionais. Não se pretendeu, com isso, reunir diferentes grupos sob uma categoria homogênea de “inclusão”, mas reconhecer que os processos de exclusão eram múltiplos, relacionais e, muitas vezes, interseccionados, demandando da Educação Matemática diferentes formas de escuta, problematização e atuação.

Foi nesse movimento que o ENEMI se constituiu como espaço de encontro entre pesquisadoras e pesquisadores, professoras e professores da Educação Básica e do Ensino Superior, estudantes de graduação e pós-graduação, profissionais da educação e demais pessoas interessadas na construção de uma Educação Matemática para todas as pessoas. Mais do que apresentar resultados de pesquisas, o evento buscou favorecer a circulação de ideias, o compartilhamento de experiências e, especialmente, a discussão coletiva de investigações e práticas ainda em construção.

A história do ENEMI esteve diretamente relacionada à trajetória do GT13 da SBEM e à ampliação das pesquisas que articularam Educação Matemática,



diferença e inclusão. A primeira edição do Encontro Nacional de Educação Matemática Inclusiva ocorreu nos dias 17 e 18 de outubro de 2019, na cidade do Rio de Janeiro/RJ, constituindo um espaço nacional específico para a socialização de pesquisas, experiências e discussões da área. O II ENEMI, inicialmente planejado para ocorrer presencialmente em Vitória da Conquista/BA, foi realizado de forma virtual, entre 11 e 13 de novembro de 2020, em decorrência da pandemia de Covid-19. Em 2023, o III ENEMI marcou o reencontro presencial da comunidade, sendo realizado entre os dias 4 e 6 de setembro, no Instituto Federal do Espírito Santo (Ifes), em Vitória/ES.

O III ENEMI reuniu 306 participantes provenientes de diferentes regiões brasileiras e contou, ainda, com participação internacional. Ao avaliar aquela edição, a organização registrou não apenas os avanços alcançados, mas também aspectos que poderiam contribuir para o aprimoramento do encontro seguinte, particularmente no que se referia à organização das apresentações, ao tempo destinado às discussões e à possibilidade de favorecer maior diálogo entre trabalhos com temáticas próximas. Ao final daquele processo, após candidatura e deliberação dos integrantes do GT13, Campo Grande, no Mato Grosso do Sul, foi definida como sede da quarta edição do evento.

Assim, o IV ENEMI chegou à região Centro-Oeste dando continuidade a uma trajetória iniciada em 2019 e construída coletivamente ao longo de suas diferentes edições. Essa itinerância pelo território brasileiro também expressou um compromisso com a ampliação dos espaços de discussão da Educação Matemática Inclusiva e com o fortalecimento de redes de pesquisa, ensino e formação em diferentes regiões do país.

Realizado na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, o IV ENEMI foi concebido buscando preservar características que se consolidaram ao longo da história do evento e, simultaneamente, incorporar aprendizagens decorrentes das



edições anteriores. Sua programação contemplou palestras, mesas-redondas, rodas de conversa, Grupos de Discussão e outros espaços de encontro e formação, procurando articular pesquisas concluídas, investigações em desenvolvimento, experiências produzidas nos diferentes níveis e modalidades de ensino e debates contemporâneos relacionados à Educação Matemática Inclusiva.

Particular atenção foi conferida aos Grupos de Discussão, uma característica importante da constituição do ENEMI. Diferentemente de sessões organizadas prioritariamente para a exposição de resultados, os GDs procuraram privilegiar a leitura, a escuta e a discussão coletiva dos trabalhos, compreendendo que uma pesquisa em desenvolvimento poderia ser fortalecida pelo encontro com outros olhares. Do mesmo modo, as Rodas de Conversa procuraram favorecer a aproximação entre experiências, pesquisas e práticas, reconhecendo professoras, professores e demais profissionais da educação como produtores de conhecimentos fundamentais para o campo.

As submissões recebidas para esta edição evidenciaram a vitalidade e a pluralidade do campo. Os trabalhos apresentados nos anais reuniram investigações e relatos de experiência que dialogaram com diferentes dimensões da Educação Matemática Inclusiva. Houve uma presença marcante de discussões voltadas à surdez, à Libras e à produção de práticas pedagógicas, materiais e sinais específicos para o ensino de Matemática, revelando a permanência e o aprofundamento desse eixo na área. Também se destacaram trabalhos relacionados à deficiência visual, com discussões sobre materiais táteis, audiodescrição, recursos acessíveis, tecnologias assistivas, descrição de imagens, adaptação de avaliações e experiências de estudantes cegos ou com baixa visão em diferentes contextos educativos.

Outro conjunto significativo de trabalhos problematizou as relações entre Educação Matemática e Transtorno do Espectro Autista (TEA), discutindo práticas



pedagógicas, estratégias de acompanhamento, currículos, recursos didáticos, parceria colaborativa, mediações docentes e experiências escolares. De modo semelhante, apareceram investigações voltadas à deficiência intelectual, à paralisia cerebral, à surdocegueira, ao TDAH, à discalculia e a outras condições que desafiaram a escola a rever suas formas de ensinar, avaliar e organizar a participação dos sujeitos. Nesse conjunto, ganhou relevo a produção de trabalhos voltados às altas habilidades/superdotação, reafirmando que pensar inclusão também implicou questionar processos de invisibilização e de não reconhecimento de estudantes matematicamente habilitados.

As temáticas relacionadas ao Desenho Universal para Aprendizagem (DUA), à acessibilidade curricular e ao planejamento pedagógico inclusivo também estiveram presentes de modo expressivo. Tais trabalhos indicaram uma preocupação crescente com a necessidade de conceber propostas de ensino que não partissem da adaptação posterior como solução principal, mas que considerassem, desde o início, a diversidade dos modos de participação, representação e expressão dos estudantes. Em diálogo com isso, várias produções discutiram tecnologias digitais, jogos, recursos manipuláveis, robótica educacional, realidade virtual, audiodescrição e outras mediações que poderiam ampliar as possibilidades de acesso ao conhecimento matemático.

As submissões também demonstraram o alargamento do campo para outras agendas fundamentais. Estiveram presentes trabalhos que articularam Educação Matemática com questões de gênero e sexualidade, propondo reflexões sobre a formação docente, sobre currículos, sobre trajetórias de pessoas dissidentes e sobre violências e silenciamentos historicamente produzidos no ambiente escolar e acadêmico. De modo igualmente importante, apareceram investigações relacionadas às relações étnico-raciais, à educação em escolas quilombolas, à presença de mulheres negras na Educação Matemática, às interseccionalidades



entre raça, gênero e inclusão, bem como propostas que se aproximaram de perspectivas decoloniais e críticas.

Além disso, as submissões contemplaram discussões sobre Educação do Campo, educação estatística, educação financeira, ensino superior, formação inicial e continuada de professores, EJA, currículo, avaliação, afetividade, experiências extensionistas, processos de subjetivação e justiça social. Tal diversidade evidenciou que a Educação Matemática Inclusiva não se restringiu a um subcampo voltado a um conjunto específico de sujeitos ou situações, mas se apresentou como um modo de interrogar o ensino, a aprendizagem, os saberes e as relações pedagógicas a partir das diferenças e das desigualdades que atravessavam a vida social.

Figura 1 – Panorama quantitativo do IV ENEMI.



Fonte: Elaboração com auxílio do ChatGPT



Descrição da Figura 1: Infográfico com o panorama quantitativo do IV ENEMI. Foram submetidos 189 trabalhos, dos quais 156 foram aprovados, e 289 pessoas se inscreveram no evento. Houve representação de 22 estados brasileiros e uma participação internacional, de Moçambique, com um trabalho. O mapa do Brasil mostrou trabalhos aprovados em todas as regiões do país. Os maiores quantitativos foram do Rio de Janeiro, com 30 trabalhos; Paraná, com 21; Mato Grosso do Sul, com 15; Minas Gerais e São Paulo, com 13 cada; Espírito Santo, com 12; e Rio Grande do Sul, com 10. Amazonas, Maranhão, Rio Grande do Norte, Roraima e Sergipe não tiveram trabalhos aprovados. A imagem utilizou elementos da identidade visual do IV ENEMI, como uma mão estilizada, figuras humanas coloridas, uma capivara e uma arara.

O conjunto de trabalhos reunidos nestes anais explicitou, portanto, um campo em movimento. Houve investigações de mapeamento e revisão, pesquisas em andamento, análises narrativas, estudos teóricos, produtos educacionais, experiências formativas, práticas pedagógicas e reflexões produzidas a partir do chão da escola, da universidade e de outros espaços educativos. Essa diversidade metodológica e temática constituiu uma das forças do ENEMI, na medida em que possibilitou encontros entre diferentes perspectivas e contribuiu para a consolidação de uma comunidade acadêmica e profissional comprometida com a problematização das exclusões e com a ampliação do direito de aprender Matemática.

A quarta edição também reafirmou a necessidade de compreender a acessibilidade não como elemento complementar à organização de um evento sobre inclusão, mas como princípio que deveria atravessar sua concepção. Isso implicou considerar as condições de participação desde o planejamento dos espaços e atividades até as formas de comunicação, acolhimento e interação propostas ao longo do encontro. Houve, nesse sentido, uma busca permanente por coerência entre aquilo que se discutiu academicamente e aquilo que se procurou construir nas próprias práticas do evento.

Ao mesmo tempo, foi preciso reconhecer com honestidade que essa coerência não se realizou plenamente. Nesta edição, buscamos construir condições mais acessíveis de participação, mas também nos deparamos com limites concretos, institucionais, materiais e formativos. Entre eles, destacaram-se desafios relacionados à produção e circulação de materiais efetivamente acessíveis, à



necessidade de ampliar recursos de apoio, à organização dos espaços e, de maneira bastante importante, à própria cultura de apresentação acadêmica. A acessibilidade de um evento científico não se esgotou na presença de recursos específicos ou de apoios pontuais; exigiu uma transformação mais profunda dos modos como concebemos a comunicação acadêmica.

Nesse ponto, uma aprendizagem importante do IV ENEMI disse respeito às apresentações de trabalhos. Mostrou-se necessário avançar no compromisso com práticas de apresentação que considerassem, por exemplo, a descrição adequada e detalhada de imagens, gráficos, tabelas e demais elementos visuais, ou mesmo a avaliação criteriosa sobre a real necessidade de utilizar tais recursos. Em muitos contextos, o uso indiscriminado de imagens, sem descrição, ou a apresentação de slides excessivamente visuais e pouco acessíveis acabou produzindo barreiras importantes, especialmente para pessoas com deficiência visual. Esse aspecto foi assumido não como detalhe técnico, mas como questão ético-política da produção e da socialização do conhecimento.

As perspectivas futuras do ENEMI e do próprio campo da Educação Matemática Inclusiva passam, portanto, por diferentes movimentos. Um deles é o fortalecimento das redes de pesquisa e colaboração já existentes, ampliando diálogos entre universidades, escolas, grupos de pesquisa, professoras e professores da Educação Básica, estudantes e demais profissionais da educação. Outro movimento necessário é o aprofundamento das discussões teóricas e metodológicas que permitam compreender, de forma cada vez mais complexa, a multiplicidade de processos de exclusão e participação presentes nas aulas, nos currículos, nas políticas públicas e nas experiências formativas.

Também se mostram fundamentais os esforços para ampliar a presença de sujeitos, temas e contextos que historicamente tiveram menor visibilidade no campo, bem como a produção de conhecimentos que escapem a leituras simplificadoras ou



homogeneizantes da inclusão. Isso implica reconhecer tensões, contradições e limites, mas também apostar em experiências pedagógicas, curriculares e investigativas capazes de produzir deslocamentos efetivos.

Para as próximas edições, desejamos que o ENEMI avance ainda mais no aprimoramento de suas formas de organização e participação, consolidando os Grupos de Discussão e as Rodas de Conversa como espaços de efetiva interlocução e investindo na construção de condições mais robustas de acessibilidade. Isso envolve não apenas recursos e infraestrutura, mas também formação, sensibilização e pactos coletivos sobre como nos apresentamos, como escutamos, como comentamos e como tornamos partilhável o conhecimento que produzimos.

O IV ENEMI foi, portanto, simultaneamente continuidade e movimento. Continuidade porque se inscreveu em uma história construída pelo GT13, pela SBEM e pelas muitas pessoas que participaram das três edições anteriores; movimento porque a própria compreensão de Educação Matemática Inclusiva permaneceu em construção. Novas pesquisas, experiências e sujeitos ampliaram as perguntas dirigidas ao campo e desafiaram a comunidade a rever conceitos, práticas e modos de produzir conhecimento.

Ao reunir diferentes perspectivas, experiências e trajetórias, o IV ENEMI reafirmou que construir uma Educação Matemática para todas as pessoas não significava buscar homogeneidade. Ao contrário, significava reconhecer que eram justamente as diferenças que convocavam a produzir outras perguntas e outras possibilidades para ensinar, aprender e pesquisar Matemática. Nesse sentido, mais do que oferecer respostas acabadas, o encontro procurou constituir-se como espaço no qual fosse possível deslocar certezas, atravessar fronteiras e construir coletivamente outros modos de pensar e fazer Educação Matemática.



Cabe ainda ressaltar que o IV ENEMI contou com o apoio de instituições que reconhecem a relevância da pesquisa, da formação e da construção de uma Educação Matemática comprometida com a inclusão e com a participação de todas as pessoas. Registramos nosso agradecimento à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), pelo apoio financeiro que contribuiu para ampliar e qualificar diferentes ações desta edição; à Sociedade Brasileira de Educação Matemática (SBEM Nacional), pelo apoio institucional e pelo compromisso contínuo com as ações desenvolvidas pelo GT13; e à Sociedade Brasileira de Educação Matemática – Regional Mato Grosso do Sul (SBEM-MS), pela parceria e pelo apoio à realização do encontro em Campo Grande. A contribuição dessas instituições foi fundamental para fortalecer as condições de organização, participação, acessibilidade e acolhimento, bem como para potencializar os espaços de diálogo, formação, pesquisa e compartilhamento de experiências em Educação Matemática Inclusiva.

Assim concluímos desejando que o V ENEMI, em Curitiba/PR, seja um espaço de encontro entre diferenças, de produção compartilhada de conhecimentos e de fortalecimento de uma Educação Matemática cada vez mais humana, acessível, plural e comprometida com o direito de todas as pessoas aprenderem, participarem e produzirem Matemática.

Fernanda Malinosky Coelho da Rosa (UFMS)
Coordenadora Geral do IV ENEMI

Amanda Queiroz Moura (UNESP)
Fábio Garcia Bernardo (IBC)
Coordenadores do GT-13 SBEM